



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

**A AUTONOMIA DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
COMO A PRÁTICA PEDAGÓGICA CONTRIBUI PARA SUA CONSTRUÇÃO**

PALOMA PEREIRA DA SILVA

Brasília/DF

2018

PALOMA PEREIRA DA SILVA

**A AUTONOMIA DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
COMO A PRÁTICA PEDAGÓGICA CONTRIBUI PARA SUA
CONSTRUÇÃO**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dr.^a Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas.

Brasília/ DF

2018

PALOMA PEREIRA DA SILVA

Monografia submetida como requisito para obtenção do Título de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação - FE, da Universidade de Brasília, em 30 de abril de 2018, apresentada e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

Prof.^a Dra. Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas

Faculdade de Educação – UnB/ Orientadora

Prof.^a Dra. Ireuda da Costa Mourão

Faculdade de Educação – UnB/ Examinadora

Prof.^a Me. Maira Vieira Amorim Franco

Secretaria de Estado de Educação do DF / Examinadora

Esp. Ana Cristina Danicki Aureliano Rosa

Faculdade de Educação – UnB / Membro Suplente

À Deus e a Nossa Mãezinha.

À aqueles que sempre estiveram ao meu lado.

Aos meus pais e irmão,

Porque sem o apoio de vocês eu não teria
chegado até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, porque sem Ele eu não teria conseguido chegar até aqui. Foi d'Ele que resgatei todas as minhas forças para não desistir.

Agradeço a Nossa Senhora, por ter feito todos os meus pedidos terem chegado ao seu filho amado. Sem a Sua intercessão o caminho teria sido mais difícil.

Agradeço aos meus pais por sempre terem investido na minha educação. Por terem sido o meu chão quando o mundo desabou, o meu porto seguro quando eu já não estava aguentando. Por terem me amado, e continuar me amando, mesmo com todas as dificuldades diárias.

Agradeço ao meu irmão, João Pedro, por ter sido o meu escudeiro fiel. Por ter aguentado todas as crises, reclamações e mudanças de humor. O seu companheirismo me fez ter a certeza de que sempre o terei ao meu lado.

Agradeço a minha querida Mãezinha, por todo o apoio, confiança e fé. Por ter compartilhado com meus pais a missão de amar incondicionalmente.

Agradeço ainda à minha orientadora, Professora Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas, por todo o suporte de professora, carinho de uma amiga, cuidado de uma mãe, e por ser o meu eterno exemplo de amor pela docência. Sem você o meu caminho acadêmico não teria sido tão rico.

Agradeço à Maíra Vieira Franco, por também ter acreditado em mim. Por cada injeção de ânimo e exemplo de persistência. Por não ter desistido e por aceitar o desafio de ajudar-me.

Por fim, agradeço as amizades construídas dentro da Universidade. Com vocês a minha caminhada foi, sem sombra de dúvidas, mais alegre e feliz.

“Ensinar não é transferir conhecimento,
mas criar as possibilidades para sua
própria produção ou a sua construção.”

(FREIRE, 1996, p.27)

RESUMO

Autonomia vem do grego e significa governar-se a si próprio. É o que faz o indivíduo tomar as suas próprias decisões. Diante desta proposição e partir de uma experiência pessoal/profissional, este estudo tem como objetivo compreender a prática pedagógica do professor de Educação Infantil e sua contribuição para a construção da autonomia na criança. A metodologia, de natureza qualitativa, pautou-se em levantamento bibliográfico acerca do assunto, aplicação de um questionário on-line para professoras da educação infantil e Análise de Discurso. Os resultados apontam que a função do professor na creche, frente ao desenvolvimento da autonomia infantil, deve ser de organizar seu trabalho de forma a oferecer situações concretas de vivência cotidianas da rotina escolar e social da criança de modo a lhes propiciar o exercício da autonomia. Consideramos a relevância deste trabalho por suscitar reflexão e debate sobre o tema entre estudantes e profissionais da área da Educação Infantil.

Palavras-chave: Educação infantil. Autonomia. Prática pedagógica.

ABSTRACT

The word autonomy is derived from Greek and the meaning of which is to govern oneself. That does the individual make your own decisions. Taking into account and a personal and professional experience, this study aims to understand the pedagogic practice of a Child Education, and how which this contributes to construction of autonomy for children between 0 and 3 years old. The methodology of this research is qualitative, and it was based on a bibliographic survey, application of online quiz directed for a Child Education teacher, and speech analysis. The results indicates that the teacher role in child day care associated with a child autonomy should be clearly a preoccupation in develop concrete situations of everyday life at school and the child's social life. Because which will provide a autonomy exercise furthermore this us arch, in short which is very relevant to stimulate reflection and debate on the subject among students and professionals in the are of Early Child hood Education.

Palavras-chave: Child education. Autonomy. Pedagogical practice.

SUMÁRIO

RESUMO.....	7
INTRODUÇÃO	2
PARTE I – MEMORIAL FORMATIVO	4
PARTE II – MONOGRAFIA.....	12
1. REFERENCIAL TEÓRICO	13
1.1 Educação Infantil	13
1.2 Autonomia	15
1.3 A prática pedagógica do docente de Educação Infantil.....	16
2. METODOLOGIA DA PESQUISA	20
2.1 Etapas e instrumentos da pesquisa	20
2.2 Sujeitos da pesquisa	21
2.3 Técnica de análise: Análise de Discurso	22
3. ANÁLISE dos dados	24
3. 1 Crianças autônomas	25
3. 2 Contribuição do professor e o desenvolvimento da autonomia	26
3. 3 Término do ano letivo e autonomia: resultados esperados pelos docentes	27
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
5. Perspectivas futuras.....	30
REFERÊNCIAS.....	31
APÊNDICE- questionário on-line enviado aos participantes.....	33

INTRODUÇÃO

O estudo tem como tema “a autonomia da criança da Educação Infantil”. Queremos compreender a prática pedagógica do professor de Educação Infantil e sua contribuição para a construção da autonomia na criança. O tema suscitou a seguinte indagação: o professor exerce influência sobre o processo de construção da autonomia das crianças? Esta indagação foi o que me estimulou a investigar o tema que discorro neste trabalho de conclusão de curso. Ocorreu-me o desejo de conhecer a importância de se desenvolver um trabalho pedagógico com as crianças que se encontram na faixa etária de 0 a 3 anos e que frequentam as creches, tornando a pesquisa relevante para os estudiosos dessa área da Pedagogia, denominada Educação Infantil.

A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica e abrange desde o nascimento até a idade em que a criança ingressa no Ensino Fundamental. Segundo o Artigo 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), a finalidade da Educação Infantil é “o desenvolvimento integral da criança até 05 anos em seus aspectos físico psicológico, intelectual e social, completando a ação da família e comunidade”, ou seja, o seu objetivo principal é estimular o desenvolvimento integral das crianças garantindo que tenham acesso à aprendizagem de diversas linguagens, à construção de conhecimentos, além do direito à proteção, à dignidade, à brincadeira, à convivência, ao respeito, à saúde, à liberdade e a interação com outras crianças e adultos.

Diante disso, o que motivou a pesquisa foi a oportunidade de acompanhar o desenvolvimento de uma criança na escola analisando o seu processo de construção da autonomia. Outro ponto importante na escolha de tal tema foi a curiosidade sobre esse processo no ambiente escolar.

Estes aspectos me levaram a definir as seguintes questões de pesquisa: como se configura a autonomia na criança? Como promover a autonomia em sala de aula? Qual a importância de estimular a autonomia da criança em sala de aula? De que forma o professor contribui para a promoção da autonomia da criança?

Destarte, para responder tais questões definimos como **objetivo geral**: compreender a prática pedagógica do professor de Educação Infantil e sua contribuição para a construção da autonomia na criança. Para tanto, definimos dois **objetivos específicos**: a) identificar as especificidades da Educação Infantil e como se dá a construção da autonomia da criança e b) Analisar o discurso do professor sobre sua prática pedagógica e a contribuição para a construção da autonomia das crianças.

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) está constituído em duas partes. Na primeira, do Memorial, escrevo sobre momentos de minha história de vida estudantil que marcaram meu objeto de estudo, a autonomia. Escrevo como meus professores e familiares me tratavam quanto a aprendizagem e ao ambiente escolar. Também relato o que sentia enquanto aprendiz diante de diferentes práticas pedagógicas. Esta parte foi importante para delinear meu **objeto de estudo** evidenciando de onde nasceu o meu interesse em estudar a construção da autonomia na criança.

A segunda parte, da Monografia, organizei em três capítulos: no primeiro capítulo, abordaremos sobre a fundamentação teórica constituinte da definição das principais categorias de pesquisa; no segundo capítulo, apresento a metodologia empregada na pesquisa e seu contexto; no terceiro e último capítulo, trato da análise dos dados que emergiram da pesquisa, onde respondo aos objetivos específicos. Por fim, nas considerações finais, retomo toda a discussão do trabalho e apresento as minhas perspectivas quanto a profissão de pedagoga.

Portanto, convido o/a leitor/a mergulhar comigo nesta jornada relevante para minha vida acadêmica e profissional.



PARTE I – MEMORIAL FORMATIVO

FAZENDO-ME PROFESSORA, OU NÃO...

Ser professora é se doar, ensinar e acima de tudo, amar!

Da autora, 2017.

Costumo dizer que ter entrado na Universidade de Brasília foi um presente de Deus! Entrei convicta de que o curso escolhido era o ideal, que seria o curso dos sonhos e a peça chave no meu processo de realização pessoal. Com o passar dos dias fui me encantando e me apaixonando pela a educação, mas, como nem tudo são flores, a vida resolveu me passar uma rasteira daquelas. Possibilitou-me sentir na pele a diferença entre a teoria e a prática, principalmente quando tratamos da construção de sujeitos capazes de assumirem o controle da sua aprendizagem. Fazendo uma viagem no tempo, voltamos lá no ano de 2016. Parece não ser muito longe, concordo, mas foi o ano que me fez desconstruir e construir novos sonhos e novas ideias.

Como toda menina sapeca, sempre fui moleca e adorava todos os tipos de brincadeiras, inclusive aquela velha conhecida “escolinha”. Nasci lá no ano de 1996, a primeira filha de um casal jovem de namorados. Já iniciei minha trajetória trazendo muitas surpresas, pois a minha mãe havia acabado de fazer dezoito anos e o meu pai a sua maioridade. Vim ao mundo sem muito planejamento, mas isso não resultou numa má criação. Cresci rodeada de amor, carinho e cuidados, já que fui a primeira criança a ser concebida nas famílias maternas e paternas e durante todo esse percurso, o trem da vida me fez aproximar de uma pessoa muito especial, a quem a chamo de Mãezinha. Foi com essa mulher negra, alta e de cabelos pretos que vivenciei um dos amores mais lindos, aquele de neta e avó. Foi com ela que corri, brinquei, pulei e me machuquei. Passava dias na sua roça, brincando como se não houvesse amanhã. Vivía as experiências diferentes daquelas crianças da cidade. Eu podia escolher as brincadeiras, desde que eu arcasse com as consequências e com os machucados. Até que cheguei aquela idade aquele lugar, aquele uniforme, aquela escola.

Comecei a tão desejada vida escolar, àquela que se estenderia durante longos anos. Tinha apenas três anos quando fui matriculada numa escola da rede particular, mas lembro-me pouco do que aprendi durante os dias. Cresci mais um pouquinho e meus pais resolveram mudar de casa. Fomos para outra cidade do Distrito Federal. Cadê os meus amigos? Cadê a minha professora? Cadê aquele parquinho de areia com escorregador? É... Tudo havia ficado para trás, inclusive as minhas idas rotineiras à casa de minha avó que passaram a ser somente aos finais de semana ou feriados.

Mesmo ficando com a Bilú, minha eterna babá, a quem eu guardo com carinho no coração, sempre fui estudiosa e desde pequena fazia as minhas atividades escolares por conta própria. Bastava alguém me explicar o que devia ser feito que eu rapidamente realizava. Cheguei a nova escola, desta vez, da rede pública de ensino. Não havia uma estrutura que pudesse ser comparada à antiga, mas como não era muito grande o contato entre os alunos e a comunidade escolar era mais intenso.

Primeiro dia de aula. A sala, que era do antigo Jardim III, contava com várias crianças, mas a tia Cida atendia a todos com muito cuidado, tanto que percebeu logo de início que eu estava mais adiantada que os meus colegas de turma. A professora chamou os meus pais na escola, explicou a situação e juntos decidiram que o melhor a se fazer era me adiantar para a Primeira Série, mesmo tendo somente seis anos. Assim foi feito.

Pulei para uma sala grande, com um maior número de crianças e com uma professora muito paciente chamada de tia Amélia (Figura 01). Apesar de ser a mais nova da turma, não tive nenhuma dificuldade em acompanhar o ritmo dos outros alunos, pelo contrário, com um mês de aula aprendi a ler. Essa professora demonstrava um carinho enorme por todas as crianças, penso até que esse amor pela profissão era a sua marca registrada. Foi um ano de aprendizagem, brincadeiras, broncas, leituras e uso constante do dicionário. Recordo-me que cada aluno ganhou um Dicionário Aurélio da capa azul e letras vermelhas. Era a nossa ferramenta mais usada durante as aulas, pois sempre que surgia alguma dúvida, bastava pesquisar algumas páginas, que esta era sanada.

Figura 1. Eu e minha professora Amélia.



FONTE: Da autora, 2016.

O ano letivo chegou ao fim e com ele a necessidade da troca de série e de professora. Passei para a Segunda Série e confesso que foi o pior ano do Ensino Fundamental I. Ela era o tipo de docente que parecia desenvolver o trabalho por mera obrigação, além de não ter um bom relacionamento com as crianças. Foi um ano que acabei apagando da memória, tanto que não consigo sequer lembrar o nome da professora. Porém, mesmo com esse impasse, o meu carinho pela professora Amélia não diminuía, pelo contrário, usava-a como espelho durante as minhas brincadeiras e sempre que sobrava um tempo passava para dar-lhe um beijo.

O tempo passou e no ano seguinte ingressei na terceira série com uma professora excelente, chamada Ivana. Era bastante rígida, mas o seu compromisso com os alunos era tão intenso que fazia de tudo para que todos tivessem bons resultados. Me recordo que o ensino era forte, mas sinto que, em alguns momentos, os alunos não tinham a oportunidade de tomar decisão em certos assuntos. Como foi um ano bastante produtivo, ela optou por acompanhar a nossa turma no ano seguinte e com isso foram dois anos de muita aprendizagem. A avaliação dos alunos era feita através de provas, de comportamento em sala de aula e de participação, o que me causava certo receio pelo fato de ser tímida. Mesmo estando rodeados de amigos, oriundos da primeira série, eu não me sentia segura em expor certas opiniões na frente dos meus colegas, o que acarretava, algumas vezes, o não esclarecimento de dúvidas referentes aos conteúdos.

Durante todo esse período fiz amigos, brinquei bastante e a interação com as outras crianças foi intensa. Na escola, havia um parquinho onde frequentávamos, semanalmente. A estrutura da escola não mudou durante todo esse período. Além do parque, íamos também a quadra para as atividades de educação física, livre durante o recreio, bem como havia um enorme pátio gramado. Ou seja, as crianças tinham excelentes locais para brincar no interior da escola.

Conclui a primeira viagem escolar da minha vida. Completei mais um ciclo e logo dei início ao outro, conhecido como Fundamental II. Novas pessoas, nova rotina, novos professores e horários. Tudo era muito diferente do que eu estava acostumada. Os horários precisavam ser seguidos à risca! O sinal tocava e os alunos tinham que se dirigir às salas dos respectivos professores. Confesso que de início achei um tanto desorganizado, mas me acostumei.

Quando cheguei à antiga sexta série, atual sétimo ano, troquei mais uma vez de instituição. Fui para uma escola da rede particular de ensino muito conhecida devido à sua rigidez, à belíssima estrutura física e de ensino. Foi o ano escolar mais difícil de toda a minha trajetória. Percebi o quanto a minha aprendizagem havia sido defasada durante a quinta série.

Não dominava nenhum conteúdo e muitas vezes ouvi de alguns professores que eu podia desistir, pois não iria conseguir passar de ano. Pela primeira vez em toda a minha vida, zerei uma prova e fechei o bimestre com notas baixíssimas. Fiquei emocionalmente abalada e chorava todos os dias com medo de reprovar e perder a bolsa de estudos a qual tinha sido contemplada.

Foram dias difíceis e de muita resistência, afinal, além da escola ser um mundo totalmente diferente do qual eu estava acostumada a lidar. Havia, ainda, a descrença por parte de alguns docentes que não hesitavam em me colocar para baixo e falar que eu não seria capaz de vencer essa batalha. Com muita persistência aprendi a assumir o papel principal da minha aprendizagem. Lutei bastante, mas apesar de toda as barreiras e dificuldades encontradas, com a ajuda da minha mãe e com o apoio da minha querida professora de língua portuguesa, Roseane Araújo (Figura 02), eu venci! Depois de muitas lágrimas avancei de série e provei para todos, inclusive para o meu próprio eu, o quanto eu era capaz. Para aqueles professores que duvidaram do meu potencial, compartilhei o meu boletim final e consegui ainda arrancar lágrimas de todos eles.

Figura 2. Eu e minha professora Roseane



FONTE: Da autora, 2013.

Os anos se passaram e continuei na mesma escola. Para não correr o risco de perder a bolsa, a minha dedicação era redobrada o que era motivo de chacota por parte dos meus amigos. Era considerada aquela que “anotava tudo o que o professor falava até mesmo as vírgulas”. Porém, nada me abalava. Eu sabia que o maior desafio eu tinha vencido e que os outros que eu encontrasse pela frente também superaria. Foram lutas diárias, mas que me

fizeram ser uma pessoa mais resistente as intempéries da vida. Terminei o Ensino Fundamental II com a certeza de que eu seria capaz de enfrentar qualquer coisa nessa vida.

O trem da vida caminhou mais um pouco. Cheguei ao Ensino Médio com a felicidade de estar completando mais um ciclo e com a consciência de que brevemente eu teria que decidir qual caminho seguir em relação ao Ensino Superior. O primeiro ano veio com algumas mudanças e, apesar dos conteúdos complexos, obtive êxito estudando sozinha e em raras ocasiões, em grupos. Além disso, veio ainda o preparatório para o Programa de Avaliação Seriada (PAS), fornecido pela própria escola aos sábados. Este era o primeiro passo para que eu pudesse chegar onde estou hoje.

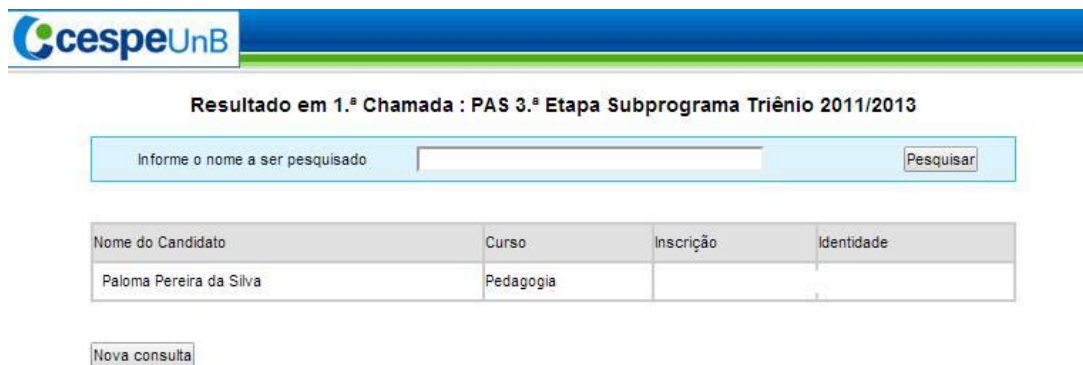
O trem caminhou mais uma estrada, até que paramos no terceiro ano. O tão sonhado último ano! Ele veio acompanhado de uma carga máxima de responsabilidade para uma menina de apenas 16 anos. A vida exigia de mim que eu decidisse, de forma imediata, o meu futuro. Fiquei na dúvida. Queria realizar o sonho do meu pai e seguir a carreira de advogada, mas eu sabia que aquele curso não iria me conquistar. Pensei em seguir a vontade da minha mãe e ser psicóloga, mas vi que aquilo também não era o que eu queria. Pensei em seguir a vontade que reinou no meu coração até o Ensino Fundamental e cursar veterinária. Mas, depois de pensar bastante, decidi deixar florir aquela vontade que sempre estava no meu coração, desde a época das brincadeiras de escolinha, do brincar de ensinar, da felicidade que reinava no meu peito quando eu usava o giz na lousa e da professora Maria Amélia. Decidi tentar ser aquela professora que marcaria a vida dos seus alunos, aquela que fizesse a diferença, assim como os que fizeram a diferença na minha vida.

Pensei. Pensei. Pensei. Por que não ser pedagoga? Assim poderia ensinar aos pequenos, algo que eles pudessem levar para toda a vida: ler e escrever. No início, sofri muita rejeição na família, principalmente dos meus pais. Eles não entendiam o porquê daquela escolha e nem de onde eu havia “tirado essa ideia”. Talvez eles não soubessem o quanto era importante ter tido uma boa professora durante a vida. Foi bastante difícil lidar com a falta de apoio. Pessoas próximas, que também são professores falavam para eu escolher uma coisa melhor. Estranho... Eu também achei. Talvez seja por isso que a profissão não é nada valorizada. Mas também, como podem querer que seja se nem mesmo os que exercem a valorizam? Pensei. Pensei. Decidi. Marquei a Pedagogia como a minha primeira opção.

Mais um ano começou, e com ele vieram algumas mudanças. A saudade da escola, do contato diários com os amigos e professores, já se fazia presente. Mas, a principal delas chegou durante uma tarde de sábado. Uma ligação fez com que eu sentisse uma felicidade sem igual. Acessei a internet de maneira tão rápida, que por um momento achei que o meu

coração fosse sair pela boca. E lá estava o meu nome na lista dos aprovados na Universidade de Brasília (Figura 03).

Figura 3. Meu nome da lista de aprovados na UnB.



Resultado em 1.ª Chamada : PAS 3.ª Etapa Subprograma Triênio 2011/2013

Informe o nome a ser pesquisado

Nome do Candidato	Curso	Inscrição	Identidade
Paloma Pereira da Silva	Pedagogia		

FONTE: CESPE, 2014.

A felicidade foi imensa. Lembro-me até de como fiquei estagnada e surpresa com a notícia. Nunca imaginei que iria conseguir. Mas consegui! Fiz a minha parte e o resultado de todo o esforço durante todos os anos da vida escolar valeu a pena. Realizei um sonho! Aquela menina que tudo anotava agora faria parte dos estudantes da UnB. Pude ter contato com uma série de conhecimentos e oportunidades que jamais eram conhecidas. Percebi que por mais difícil que seja eu posso sim, um dia, ser igual àquelas professoras que embarcaram comigo da melhor maneira, no meu trem da vida.

Os semestres foram passando e a aprendizagem sendo cada vez mais enriquecedora. Acabei sendo tocada por diversas dúvidas e anseios, dentre eles, o poder que um docente tem de contribuir e incentivar a construção da participação da criança na tomada de decisões que diz respeito a sua própria vida. Da mesma maneira que eu pude escolher qual curso seguir, as crianças também precisam ser incentivadas a fazer as suas próprias escolhas, estando sempre cientes das possíveis consequências.

Passou mais algum tempo e o trem da vida me trouxe mais uma oportunidade. Esta consistia em ir para uma sala de aula. Fui chamada para ser a responsável por uma turma de Educação Infantil, em uma escola particular. Apesar do medo e da angústia de não conseguir, enfrentei a insegurança e agarrei aquilo que poderia ser a maior oportunidade para o início da minha carreira. Os primeiros dias foram enriquecedores. Não tinha experiência com a arrumação de uma sala, então senti dificuldades em saber qual seria a melhor maneira para organizá-la, mas com a ajuda das outras professoras, logrei êxito. O ano letivo começou e o primeiro dia de aula foi algo que me fez sentir frio na barriga. As aulas foram passando e com

elas, desafios diários foram lançados. Lidar sozinha com 14 crianças de quatro anos de idade foi algo que me fez sentir muito medo. Não somente o medo de não conseguir desenvolver o trabalho proposto pela instituição, mas também o de estar marcando a vida daqueles alunos de forma negativa. Foram semanas de muito choro em casa, de muita insegurança, de sentimento de incapacidade, de crises existenciais. Com o tempo fui superando-os, mas não totalmente.

Senti que aquele trabalho parecia diferente daquele almejado quando decidi cursar Pedagogia, o que me causou muita tristeza. Eram 14 seres humanos que estavam em desenvolvimento e que talvez eu não estivesse contribuindo de forma positiva. Acabei optando por abrir mão e após tomar a decisão de desistência, percebi que talvez a sala de aula não seja o local de trabalho mais ideal para mim, ou melhor, que a educação infantil não seja. Sofri ao perceber que aquilo que eu tanto almejei talvez não fosse adequado. Pensei em abandonar o curso. Foi um momento muito difícil, mas optei por enfrentar esta dificuldade.

Hoje me encontro finalizando aquilo que eu escolhi. Talvez daqui a uns meses eu volte a ser a professora Paloma, talvez não. Talvez eu opte por trabalhar em outros segmentos da educação. Talvez. Talvez. Tenho certeza de que o trem da vida ainda me levará a diversos destinos desconhecidos e quem sabe à alguns conhecidos também. Talvez eu ganhe uma nova chance para vencer aquilo que um dia me fez sofrer. Pensar o passado a partir do presente faz com que a gente olhe com outros olhos, os olhos da experiência.

Pode ser que o meu melhor lugar não seja dentro de uma sala de aula, mas com certeza, ele é dentro de uma escola. Quero ter a chance de causar mudanças. Mudanças nos alunos. Mudanças nos professores. Mudanças nas escolas. Mudanças na vida! Espero que, assim como todos os outros desafios que a vida me impôs, eu vença e mais uma vez aprenda que aquilo que não nos mata, nos fortalece.

Rememorando partes de minha história de vida, percebo que houve todo um processo de desenvolvimento da minha autonomia. Embora alguns dos meus professores usassem a sua autoridade para impor a obediência nos alunos, por vezes, era visível a preocupação em explicar determinadas regras, a fim de que criássemos a consciência de tal e cumpríssemos não somente por medo à punição e sim por ter interiorizado-a e compreendido-a. Confesso que ainda não sou um indivíduo completamente autônomo, pois ainda sigo heterônoma em relação a algumas regras. O certo é que a **autonomia** se tornou para mim o meu objeto de estudo. E é com ele que sigo adiante neste Trabalho de Conclusão de Curso.



PARTE II – MONOGRAFIA

1. REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta parte pretendo a) Identificar as especificidades da Educação Infantil e como se dá a construção da autonomia da criança e b) Analisar a prática pedagógica do professor e como contribui para a construção da autonomia das crianças.

1.1 Educação Infantil

A **Educação Infantil** é a primeira etapa da Educação Básica e abrange desde o nascimento até a idade em que a criança ingressa no Ensino Fundamental. É duplamente protegida pela Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), sendo tanto direito subjetivo das crianças com idade entre zero e cinco anos (Art.208), como direito dos trabalhadores urbanos e rurais em relação a seus filhos e dependentes (Art.7º). Ela é oferecida em Creches para as crianças de até três anos e em Pré-escolas para as de quatro e seis anos de idade. Segundo o artigo 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), a Educação Infantil tem como finalidade “[...] o desenvolvimento integral da criança até cinco anos em seus aspectos físico psicológico, intelectual e social, completando a ação da família e comunidade” (Lei 9394/96, sessão II), ou seja, o seu objetivo principal é estimular o desenvolvimento integral das crianças, garantindo que cada uma delas tenha acesso à aprendizagem de diversas linguagens, à construção de conhecimentos, além do direito à proteção, à dignidade, à brincadeira, à convivência, ao respeito, à saúde, à liberdade e a interação com outras crianças e adultos.

Segundo Piaget (1988), os indivíduos se desenvolvem desde o nascimento até a idade adulta e, para ele, existem quatro períodos que são caracterizados individualmente por aquilo de melhor que o indivíduo consegue em cada faixa etária.

O primeiro período, chamado de sensório-motor, vai de 0 a 2 anos e é considerada a fase mais importante do desenvolvimento, pois é quando a criança começa a perceber o mundo que existe ao seu redor e entende que existe a interação dos objetos entre eles e com o mundo. O terceiro e o quarto, chamados de período das operações concretas e das operações formais, vão de 7 a 11 ou 12 anos e dos 12 em diante. Nesses períodos o desenvolvimento lógico acontece de forma gradual e as crianças já conseguem não só fazer uso de situações vividas que são lembradas, mas também relacioná-las a outras ocasiões.

E ainda, o segundo, chamado de pré-operatório, vai de 2 a 7 anos de idade e é quando acontece a introdução à linguagem, à moralidade e ao egocentrismo, ou seja, a inteligência da criança começa a se modificar.

Então, verificamos em lei a necessidade de uma formação inicial e continuada para que o docente possa adquirir competência para atuar na Educação Infantil, uma vez que ele necessita estar de posse de vários saberes pedagógicos, da prática do estágio e da troca de experiência entre seus pares para compreender o complexo processo do desenvolvimento e aprendizagem infantil. Quanto a formação do docente para atuar na educação infantil a LDB dispõe, no título VI, art. 62 que:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal (BRASIL, 1996)

De acordo com os artigos 61, 62 e 63 da LDB (BRASIL, 1996), a formação docente não se constitui apenas dos conhecimentos formais adquiridos na formação inicial, mas de todas suas experiências vivenciadas e compartilhadas ao longo de toda a sua vida profissional. É, assim, um ato de constante renovação considerando que, enquanto houver prática pedagógica, haverá, sempre, saberes docentes constituídos.

Para as crianças de 0 a 3 anos de idade o local de desenvolvimento e cuidado sugerido por lei é chamado de Creche. Historicamente a função da creche se restringia basicamente ao oferecer cuidados aos menores. Contudo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de dezembro de 1996, trouxe a inovação ao atribuir a esta instituição a função intrínseca de cuidar e educar. De acordo com Abramowicz e Vanderbroeck (2015, p. 39) “a creche é um espaço de socialização de vivências e interações”. Ela é também um lugar de cuidados e educação. Por isso, este ambiente precisa ser seguro, rico em estímulos, capaz de desenvolver valores, hábitos e atitudes, tais como amor, respeito, tolerância e a solidariedade. Dessa forma, a creche surge como “(...) uma resposta social, onde a criança deve ser acolhida, amada e respeitada na sua originalidade e ajudada a crescer harmoniosamente” (ROCHA; COUCEIRO; MADEIRA, 1996, p. 5).

Outro aspecto importante a ser problematizado na Educação Infantil são os conceitos de educar e cuidar. Segundo os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) há diferenças entre educar e cuidar (Quadro 01).

Quadro 01. Diferenças entre educar e cuidar para os RCNEI.

EDUCAR	CUIDAR
[...] propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis. (RCNEI, 1998, p. 23)	[...] significa compreendê-lo como parte integrante da educação, embora possa exigir conhecimentos, habilidades e instrumentos que extrapolam a dimensão pedagógica. Ou seja, cuidar de uma criança em um contexto educativo demanda a integração de vários campos de conhecimentos e a cooperação de profissionais de diferentes áreas. (RCNEI, 1998, p. 24)

FONTE: Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010).

Cuidar e educar são ações distintas, mas que se entrelaçam, fazendo com que uma seja interdependente da outra. Então, o docente ao trabalhar em uma creche dentro da perspectiva da nova LDB deve buscar a constante integração entre o cuidar e o educar proporcionando um espaço capaz de suprir as necessidades básicas de uma criança, de explorar todas as potencialidades e emoções do infante e rico de múltiplas interações.

Entretanto, o cuidar e o educar na Educação Infantil necessitam de uma boa prática pedagógica do professor que pretende assumir esta fase.

1.2 Autonomia

À medida que as potencialidades infantis vão sendo trabalhadas, a criança começa a perceber que a existência dela é independente a do outro. É neste momento que ela percebe a necessidade de constituir pela identidade, sua autonomia.

Autonomia vem do grego e significa autogoverno, governar-se a si próprio. Significa, conforme o dicionário da Língua Portuguesa, aptidão ou competência para gerir sua própria vida, valendo-se de seus próprios meios, vontades e/ou princípios, ou seja, é o direito que permite com que o indivíduo esteja apto para tomar as suas próprias decisões.

Para Cabral (1996) é uma independência, ausência de imposições, influências externas, bem como ausência de limitações e incapacidades que impedem ou diminuem a liberdade de decisão. Ou seja, “a autonomia é a base da dignidade de todo o ser humano, sendo o princípio fundamental da vida moral e da identidade da pessoa” (RAMOS, 2008, p.

2). É o que permite as crianças assumirem seus próprios atos e agirem a favor da sua vontade sendo responsável pelas suas ações. Segundo Ramos (2008), autonomia é o fundamento principal da moralidade e por isso representa a condição do ser racional e emocional. Porém, é interessante ressaltar que apesar da criança ainda estar em construção biopsicossocial e histórica é capaz de tomar decisões conforme a sua consciência.

A autonomia não é intrínseca ao sujeito. Ela é fruto de um processo longo e complexo de desenvolvimento humano, no qual o principal ator é o próprio aprendiz. Paulo Freire (1996, p. 107) afirma que “ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias inúmeras decisões que vão sendo tomadas”. Para tanto, a criança necessita ser educada para que consiga formar a sua própria identidade e melhorar a sua habilidade de lidar com essa autonomia. Para Dias (2005) a autonomia é entendida como um processo que se constitui relacionado aos modos de vida das crianças que estão em interação social, mediante um trabalho de reflexão e ação a partir das experiências interativas que cada criança vai vivenciando no dia a dia. “As experiências interativas não se desenvolvem na criança independentemente, mas desenvolvem-se mediante as relações práticas e verbais que existem entre elas e as pessoas que as rodeiam.”

Desta forma, a atitude do professor em criar momentos e situações favoráveis ao desenvolvimento da autonomia é de extrema importância. Principalmente para as crianças que frequentam a Educação Infantil, pois, será neste ambiente que estes passarão a maior parte do seu dia e aprenderão a lidar com algumas situações práticas rotineiras e desenvolverão habilidades interpessoais com crianças e adultos fora do convívio familiar. Novamente Freire (1996, p. 107) nos adverte que “uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada na experiência estimuladora da decisão e da responsabilidade, vale dizer em experiência respeitosa da liberdade”. Diante disso, considera-se que o professor é peça chave na contribuição desse desenvolvimento, trabalhando em conjunto com a família, tendo em vista ser o primeiro grupo social com quem a criança tem contato.

1.3 A prática pedagógica do docente de Educação Infantil

O que é prática pedagógica do docente? Como se constitui? Como desenvolver uma prática pedagógica que leve a criança a autonomia? Ao professor cabe trabalhar para além do cuidar, pois (BRASIL, 1998, p. 16-17):

[...] é preciso que o professor possa ajudar a criança a identificar suas necessidades e priorizá-las, assim como atendê-las de forma adequada. Assim, cuidar da criança é sobretudo dar atenção a ela como pessoa que está num contínuo crescimento e desenvolvimento, compreendendo sua singularidade, identificando e respondendo às suas necessidades. Isto inclui interessar-se sobre o que a criança sente, pensa, o que ela sabe sobre si e sobre o mundo, visando à ampliação deste conhecimento e de suas habilidades, que aos poucos a tornarão [...] independente e [...] autônoma. (BRASIL, 1998, p. 16-17).

Ao desenvolver sua prática pedagógica dentro da dialética de cuidar e educar, o professor deve desenvolver seu trabalho aberto a todos os questionamentos, indagações, perguntas e curiosidades dos alunos, para que assim se crie um ambiente favorável para a construção ou produção do conhecimento das crianças e não se faça do ato de aprender um processo unilateral de transmissão de conhecimento.

O espaço escolar da Educação Infantil deve incentivar os alunos a desenvolverem todas as suas experiências corporais, alternativas, sociais, sendo totalmente passível de mudanças que acompanhem as necessidades e trajetórias das crianças. Segundo Oliveira (1992, p. 29), a criança que interage com o seu meio modifica este espaço ao mesmo tempo que é modificada por ele, principalmente quando ocorre a interação com outros sujeitos. Para que possa haver a interação entre o meio e os sujeitos, o trabalho docente na Educação infantil se constitui de saberes mobilizadores das múltiplas e dinâmicas situações buscando desenvolver sua prática com responsabilidade social. Nos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010, p. 30) encontrei que:

A intervenção do professor é necessária para que, na instituição de educação infantil, as crianças possam, em situações de interação social ou sozinhas, ampliar suas capacidades de apropriação dos conceitos, dos códigos sociais e das diferentes linguagens, por meio da expressão e comunicação de sentimentos e ideias, da experimentação, da reflexão, da elaboração de perguntas e respostas, da construção de objetos e brinquedos etc. Para isso, o professor deve conhecer e considerar as singularidades das crianças de diferentes idades, assim como a diversidade de hábitos, costumes, valores, crenças, etnias etc. das crianças com as quais trabalha respeitando suas diferenças e ampliando suas pautas de socialização. (BRASIL, 2010, p. 30).

Ao planejar, o docente deve promover atividades que possam ser executadas diretamente pelas crianças ou através do auxílio de seus colegas, oportunizando a participação intensiva e integral das crianças no cotidiano das aulas. Com isto, acaba oportunizando a interação entre eles e o desenvolvimento do respeito mútuo. Então, percebe-se que o papel do professor na Educação Infantil é articular o processo de ensino e aprendizagem de forma que

possa trabalhar todos os aspectos necessários ao desenvolvimento infantil por meio de um rico e prazeroso processo de interação social, onde a diversidade e o respeito sejam contemplados durante a formação dessas crianças visando a sua formação cidadã e autônoma.

Porém, nem sempre nas instituições de ensino o papel do professor é realizado dessa maneira. Segundo Alarcão et al (1996) a escola dos dias atuais não tem sido uma instituição que promova, de fato, a autonomia dos seus alunos, professores e até mesmo funcionários. E como podemos trabalhar dessa forma? Para que possamos formar crianças autônomas, é necessário primeiramente que os seus professores sejam assim, pois partimos do “pressuposto de um profissional autônomo forma seres autônomos: à legitimação da autonomia epistemológica dos sujeitos sobre os quais o profissional venha exercer a sua ação educativa” (VIEIRA, 1993, p. 23). Outro ponto que precisa ser ressaltado refere-se ao fato de que será interessante que a escola continue com o objetivo de ensinar apenas conhecimentos teóricos e de preparar os jovens para seguir uma profissão? Ou será que deveriam fazer com que os seus alunos aprendessem os conhecimentos e fossem capazes de os aplicar às mais diferentes circunstâncias?

Em Genebra e em Paris (1975 e 1976), a UNESCO defendeu a “autonomia: dar aos indivíduos e aos grupos o máximo de consciência, de conhecimento e de competência de modo que possam, na mais larga medida possível, gerir a sua vida pessoal e colectiva como valor, entre outros, a ser defendido pela Educação” (ROCHA, 1988, p. 196).

Para além da defesa da autonomia como atributo indispensável do cidadão, há que salientar que a própria autonomia deverá estar ligada ao próprio processo de aprendizagem, pois que será difícil ao indivíduo regular-se pela sua própria vontade se essa dimensão nunca tiver sido valorizada e estimulada ao longo do processo de desenvolvimento pessoal. (LAL, 93/93, p. 33).

Percebe-se que o papel do professor durante o processo de desenvolvimento da autonomia é de suma importância e por isso precisa ser bem elaborado e orientado, pelo fato de que quando não se é trabalhado na escola, é muito difícil que os alunos, futuros jovens e adultos, exerçam e saibam lidar com a autonomia. Para Alarcão (1996) a atitude reflexiva do professor permite desenvolver essa mesma atitude nos seus próprios alunos, o que é justamente a ideia central deste trabalho de conclusão de curso. Para que tenhamos crianças autônomas, devemos primeiro ter profissionais qualificados que sejam reflexivos sobre as suas ações desenvolvidas, para que dessa maneira as suas crianças possam construir o conhecimento baseado na autonomia, ou seja, sejam, parafraseando Dewey (*apud* Sarmiento,

1993, p. 41), alunos educados na autonomia, pela autonomia e para a autonomia dentro das suas respectivas instituições de ensino.

Quando tratamos sobre a autonomia profissional, devemos levar em consideração que a mesma deve ser entendida como um processo de construção permanente, onde vários elementos fazem sentido. As situações vividas em sua sala de aula serão o ponto de partida para cada decisão que será tomada. Ter autonomia não está relacionado apenas a características dos indivíduos, mas também “a maneira com que estes se constituem pela forma de se relacionares” (CONTRERAS, 2002, p.197).

Estas categorias são importantes para o estudo que ora versamos, tendo em vista que delimitam o caminho teórico o qual optamos por trilhar para explicar/desvelar/compreender o problema de pesquisa e responder ao objetivo geral.

2. METODOLOGIA DA PESQUISA

Trataremos neste capítulo, do percurso metodológico apresentando o questionário semiestruturado, os procedimentos da caracterização dos sujeitos da pesquisa e a técnica que elegemos para análise dos dados obtidos, a Análise de Discurso. Nosso trabalho é de natureza qualitativa, e, segundo Godoy (1995, p.21) “[...] hoje em dia a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes”, assim sendo, apresentaremos no item a seguir as etapas e instrumentos da pesquisa.

2.1 Etapas e instrumentos da pesquisa

A primeira etapa da pesquisa se configurou em um estudo bibliográfico acerca do tema, porque entendemos que, consoante a Carvalho et.al (2004), uma pesquisa necessita está alicerçada em bases teóricas, tendo em vista proporcionar ao pesquisador o acesso aos estudos já realizados sobre as categorias-chave que norteia o trabalho. Os autores elencados, trouxeram informações basilares para definir a proposta da pesquisa.

A segunda etapa, objetivamos alcançar vários sujeitos com perfis diferentes, mas todos professores, neste sentido, optamos por trabalhar com um questionário semiestruturado (Apêndice) que foi aplicado através da plataforma *online* chamada *Google Forms* e divulgado em algumas redes sociais, atingindo o quantitativo de 22 respostas. Através dele pudemos verificar se as concepções dos professores sobre como o trabalho pedagógico contribui para o processo de construção da autonomia dos alunos. Deste modo, o questionário “[...] é um instrumento constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador.”, como pontua Dantas e Franco (2017, p. 4). As autoras ainda afirmam que “As perguntas devem ser claras e objetivas para evitar erros de interpretação, contudo não devem ser indutivas.” Portanto, o instrumento utilizado “[...] nos permitiram investigar com o rigor científico que se espera de uma pesquisa, mas com um olhar sensível e detalhista para com o próprio campo de atuação.” (DANTAS E FRANCO, 2017, p. 4).

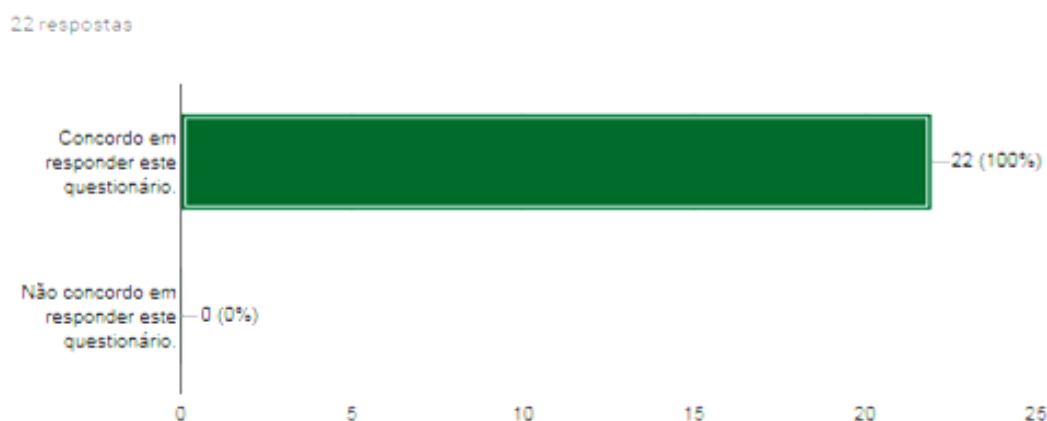
Esse questionário foi dividido em duas partes: a primeira de identificação do participante (nome, idade, tempo de profissão, quantidade de alunos em sala) e a segunda de perguntas referentes à autonomia e à prática pedagógica desenvolvida. A seguir, apresentaremos o perfil dos participantes.

2.2 Sujeitos da pesquisa

A aplicação do questionário aconteceu durante o mês de dezembro de 2017 e os participantes foram encontrados nas diversas redes sociais, porém era necessário ler o enunciado e perceber que o objetivo do estudo era compreender a influência do professor no processo de construção da autonomia das crianças. É interessante ressaltar que, ao ser questionado em participar desta pesquisa, o pesquisado cedeu os direitos ao pesquisador para uso das informações que serão analisadas.

Obtivemos vinte e duas respostas, sendo todas advindas de pessoas do sexo feminino e formadas em pedagogia. Dessas, apenas quatro pessoas não participam de programas de formação continuada, ou seja, fizeram apenas a graduação. Como forma de preservar a identidade de cada participante da pesquisa, será utilizada a letra P de professor e números de 1 a 22 que significarão a ordem de participação no questionário de cada indivíduo (Tabela 1).

Tabela 1. Participantes da pesquisa



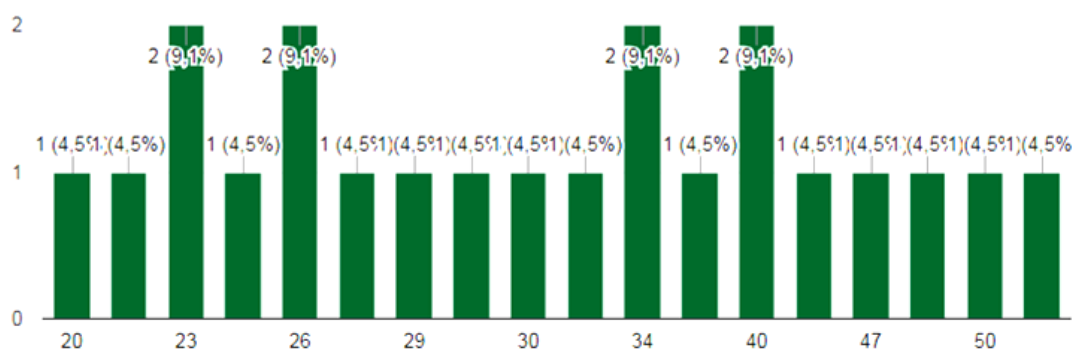
Fonte: Da autora, retorno dos questionários, 2017.

Desse modo, todos os pesquisados concordaram em participar da pesquisa. Destes todas são mulheres com idades entre vinte e cinquenta e quatro anos e possuem de um a trinta e dois anos de profissão (Tabela 2).

Tabela 2. Idade das participantes

Idade

22 respostas

**Fonte:** Da autora, retorno dos questionários, 2017.

Essa divergência entre as idades foi bastante enriquecedora, visto que permitiu enxergar dois pontos de vistas acerca do assunto: o das professoras novas, recém-formadas e exercendo a profissão há pouco tempo; e o das com mais experiência e anos de serviço. Por ter sido aplicado por meio das redes sociais, tal questionário abrangeu participantes residentes em diversas cidades do Distrito Federal e do Entorno. Esse leque de informações tornou a análise rica, fato que corroborou para a escolha de nossa técnica de análise de dados, que apresentaremos no próximo item.

2.3 Técnica de análise: Análise de Discurso

A escolha da Análise de Discurso (AD) como técnica para examinar as respostas de nossos participantes nos proporcionou compreender a relação do tema de nossa pesquisa - a autonomia da criança da Educação Infantil e como a prática pedagógica do professor contribui para a construção dessa autonomia – com o socialmente pensado, exposto e praticado.

Assim sendo, a Análise de Discurso não interpreta as respostas “[...] o que ela faz é problematizar a relação com texto, procurando apenas explicitar os processos de significação que neles são configurados, os mecanismos de produção de sentidos que estão funcionando.” (ORLANDI, 2008, p. 118), ou seja, neste trabalho, a **Prática Social** dos discursos de nossos participantes foi a lente sob o qual realizamos a análise crítica, a qual em AD denominamos dispositivo analítico que juntamente com os dispositivos teóricos, as categorias elencadas

anteriormente, construíram o *corpus* de nossa pesquisa e, segundo Franco (2017, p. 61) a Formação Discursiva Básica:

[...] visa organizar como se dará a análise a partir de dispositivos teóricos que delineiam os sentidos interpretativos e compreensivos do texto [...] e dos dispositivos analíticos, conceitos que, no trato das informações, ampliam a lente interpretativa do analista. Este por sua vez é livre para construir tais dispositivos conforme a natureza do seu material e finalidade de análise. (FRANCO, 2017, p. 61)

Na liberdade científica que a Análise de Discurso nos proporciona para organizar e apresentar nossa pesquisa, apresentaremos no próximo capítulo a análise dos dados obtidos com as respostas de nossos participantes e organização das categorias que emergiram delas.

3. ANÁLISE DOS DADOS

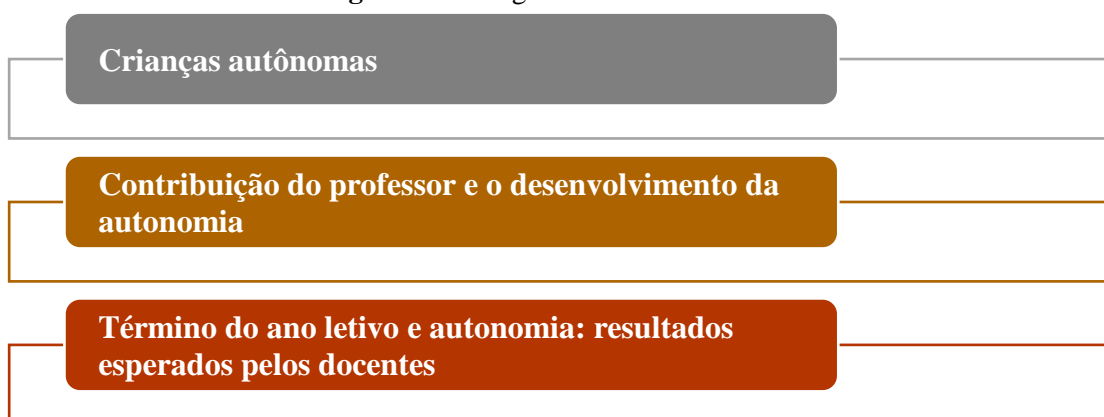
O primeiro objetivo específico deste trabalho buscava identificar as especificidades da Educação Infantil, a partir do estudo da bibliografia selecionada para pesquisa. Foi possível perceber que a construção da autonomia da criança, acontece por etapas, e que não há uma fórmula única a ser seguida. É um processo complexo do desenvolvimento humano e que vai se constituindo a partir da experiência de diversas decisões que vão sendo tomadas, formando a própria identidade de cada ser humano.

Como segundo objetivo específico, buscamos analisar a prática pedagógica do professor e como esta contribui para a construção da autonomia infantil. Notamos que o trabalho do professor precisa instigar, estimular, provocar os alunos para que o mesmo consiga desenvolver o seu conhecimento. Ele precisa ser “a faísca que acenderá o fósforo e não o fogo por completo”, para que a criança produza o seu próprio, a fim de se transformá-la em um agente ativo da construção do conhecimento.

Percebemos ainda que muito se fala da autonomia em si, da sua importância, e do quanto é essencial para o desenvolvimento da criança, mas na prática, quando se fala em sala de aula, em unir a prática com a teoria apresentada durante a formação, ainda há certa dificuldade. Porém, é interessante ressaltar que segundo Gomes (2011), seria ingenuidade por parte dos alunos dos cursos de graduação acharem que os cursos de Pedagogia lhes fariam uma descrição completa de todos os fatos que poderiam ocorrer em um ambiente escolar, pois em muitos casos, a arte da educação só é aprendida durante a prática escolar em si.

Destarte, com a aplicação do questionário, obtivemos vinte e duas respostas para cada questão apresentada. Organizamos as respostas em três categorias que no nosso entendimento, contemplam os objetivos a serem alcançados com este trabalho (figura 4).

Figura 4 – Categorias de análise



Fonte: Da autora a partir da análise das respostas do questionário.

Nos próximos itens, apresentaremos o tratamento dos dados de nossa análise e como socialmente nossos participantes discutem conosco a temática da pesquisa. Traremos as repostas das perguntas do questionário para orientar o leitor durante a discussão.

3. 1 Crianças autônomas

O entendimento acerca do que é uma criança autônoma mostrou ser muito diverso. Para alguns é ser independente nas suas ações diárias, para outros a consciência capaz de discernir entre o que lhe agrada ou não. Quando perguntadas: “Para você o que é uma criança autônoma?”, as repostas elencadas foram:

É uma criança que consegue realizar diversas atividades com proatividade, de forma crítica e criativa, buscando construir o seu conhecimento ou saberes. (P2, 2017)

Capaz de executar tarefas dentro de sua faixa etária sozinhas. (P4, 2017).

Uma criança autônoma é aquela que consegue realizar as atividades com total desenvoltura, assim como na fala e nas expressões corporais. (P7, 2017).

Uma criança que percebe sua capacidade de análise e tomada de decisões simples. (P8, 2017).

Criança que tem iniciativa em fazer ou tentar fazer as coisas (da sua idade) sozinha. (P12, 2017).

Uma criança que consegue se expressar e realizar atividades de forma espontânea e sozinha, que consegue decidir o que fazer ou não. (P11, 2017.)
Aquele capaz de resolver situações problemas sem o auxílio constante de um adulto. (P17, 2017).

Uma criança que consegue resolver pequenas coisas do dia a dia. (P18, 2017)

[...] apenas uma criança autônoma aprende a fazer escolhas, avaliar os próprios desejos e sentimentos e traçar metas para alcançá-los. Junto com a autonomia, outras facetas da personalidade se desenvolvem, como a moralidade, e com ela os conceitos de certo e errado, pois a autonomia traz consigo responsabilidades e com elas vem os limites. (P19, 2017).

É uma criança solidária, independente, que se conhece como um sujeito único e singular. (P22, 2017)

No decorrer dos discursos foi possível perceber que a autonomia pode ser vista a partir dos mais variados olhares. Para alguns, está relacionada às atividades individuais, para outros, está ligada ao fato da criança, por si só, ser o agente da sua própria aprendizagem, sendo capaz de ter o domínio físico e social, a partir da liberdade das suas próprias escolhas.

Destarte, entende-se que apesar de muito se falar em autonomia no ambiente escolar, ainda existem equívocos acerca do seu significado. Segundo Kant citado por Bresolin (2013), a palavra autonomia é esclarecedora, visto que, etimologicamente, o prefixo auto significa **si mesmo**, ou seja, dar a lei a si mesmo. Portanto, compreende-se que o sujeito deve dar a si próprio a lei à qual deve obedecer, obrigatoriamente, sem que outra pessoa diga como agir, como pensar e como decidir, bem próximo do pensamento de nossas participantes.

3.2 Contribuição do professor e o desenvolvimento da autonomia

A partir das análises das respostas, observou-se ainda que a grande maioria das participantes compreendem a importância do docente durante o processo de desenvolvimento da autonomia. Segundo Contreras (2002, p. 193) “[...] a autonomia deve ser entendida, no contexto da prática de ensino, como um processo permanente de construção.”. Para a pergunta: “Você, na condição de professor, acha que contribui para o desenvolvimento da autonomia dos seus alunos?”, vejamos as respostas dos participantes:

Planejo sempre atividades diversificadas que levem o aluno a construir suas aprendizagens. (P1, 2017)

[...] sempre estímulo meus alunos a aprender coisas que quando chegaram na escola não conseguia aprender [...] também a escolher e desenvolver a capacidade de tomar decisões. (P13, 2017)

[...] trabalho sempre de forma para que cada criança busque sua própria autonomia. (P15, 2017)

É de suma importância a condição do professor no desenvolvimento da autonomia dos seus alunos ,pois com os comandos que propomos as crianças vão habituando[...]; assim a cada dia que passa percebemos o grande progresso e desenvolvimento construtivo de cada criança. Percebemos que as crianças desenvolvem a medida que são estimuladas[...]. (P16, 2017)

[..] me esforço ao máximo para que haja trocas nas convivências e que eu e as outras crianças enxerguem a singularidade de cada ser. (P22, 2017)

O perfil do professor que estimula a autonomia é revelado pelo olhar curioso e questionador, explorador de conhecimentos e do novo, sempre disposto a ouvir a opinião dos

alunos. Estimular o conhecimento do aluno, deixar que o mesmo crie o seu ponto de vista, crie a sua opinião frente aos mais diversos assuntos, para alguns, ainda é complicado. Identifiquei que, enquanto para alguns a contribuição se dá através da troca de experiências e conceitos – professor criança, criança professor- para outros, o significado de autonomia volta-se apenas a situações nas quais a criança desenvolve ações que podem ser vistas com certa frequência e agilidade, como por exemplo:

[...] fazendo combinados (regras, respeito), trabalhando a coletividade e a responsabilidade com o meio, dentro e fora de sala. (P17, 2017).

Compreende-se que apesar das participantes terem contato com o tema em questão, ainda existem alguns equívocos relacionados à contribuição do adulto, enquanto docente, para com a criança. Crianças autônomas desenvolvem-se a partir de ambientes nos quais existem perguntas, questionamentos, curiosidades. Mas é preciso também que haja liberdade de expressão e que o ato de aprender não seja apenas um compartilhamento, uma transmissão, de conhecimento. O ideal é que haja a abertura para que a criança consiga desenvolver o seu próprio processo de aceitação das próprias opiniões e convicções, desde que não seja apenas um compartilhamento de conhecimentos, onde um fala – transmite – e o outro, escuta – absorve.

3. 3 Término do ano letivo e autonomia: resultados esperados pelos docentes

A análise das respostas revelou a expectativa de cada indivíduo acerca do desenvolvimento das crianças das suas respectivas salas de aula. Alcançar objetivos voltados para o desenvolvimento da questão motora foi citados diversas vezes.

Partindo do princípio que o professor não é o único detentor do saber e que a educação deve ter como objetivo formar pessoas autônomas, críticas e questionadoras, fizemos duas questões acerca do trabalho desenvolvido em sala de aula: “Seus alunos possuem boa oralidade? Qual a atividade você realiza para desenvolver esta habilidade?” e, “Como você trabalha a socialização de seus alunos?” As respostas trouxeram elementos para compreendermos o que o professor espera do aluno ao final do ano letivo. Eles esperam que, após o trabalho desenvolvido durante todo ano letivo, as crianças demonstrem mais autonomia diante das tarefas da rotina escolar e social:

Que eles tenham domínio dos direitos de aprendizagens e interação com os demais do seu meio social. (P2, 2017).

Que estejam mais desenvolvidos em todos os sentidos [...] e mais seguros. (P3, 2017)

Que consigam realizar suas atividades sem a interferência de um adulto. (P4, 2017).

Espero que eles superem dificuldades que sujam no decorrer do processo ensino aprendizagem e busquem respostas pra suas dúvidas e dificuldades. (P5, 2017).

Espero que eles consigam ter uma melhora nas suas questões motoras, psicológicas e tendo uma melhora na maturidade. (P7, 2017).

Que mudem suas atitudes em relação as do início do ano letivo e se percebam como sujeitos cada vez mais independentes. (P8, 2017).

Que consigam se expressar melhor, expressar suas vontades e conseguir realizá-las com o menor auxílio de terceiros possível. (P11, 2017)

Espero que eles tenham adquirido a compreensão de algumas rotinas diárias e atitudes relacionadas ao convívio com adultos e outras crianças, principalmente no âmbito escolar. Entender que há leis e regras importantes para a convivência. Que se sintam situada no espaço em que vivem e participantes do dentro da sua própria família e com seus amigos. Que se sintam confiantes em expressar suas emoções, entre outros. (P19, 2017).

Que eles sejam independentes, solidários, questionadores, inquietos, que respeitem a singularidade do outro e que voem longe. (P22, 2017).

Destarte, entende-se que todas as docentes almejam a mudança, que as crianças completem o ciclo de conhecimento durante o ano letivo e que o trabalho tenha sido voltado para o desenvolvimento de sujeitos capazes de construir o conhecimento a partir da interação com o meio social.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela observação dos aspectos mencionados percebe-se que a escola, em especial a Educação Infantil, é de extrema importância para o desenvolvimento das crianças, tendo em vista que seu objetivo principal é a oportunidade de acesso às várias linguagens existentes, à aprendizagem, à construção do conhecimento, dentre outros de modo estimulante e autônomo. Além disso, é neste ambiente que as crianças, principalmente as que se encontram na creche, começarão a desenvolver a sua autonomia de forma equilibrada, aprendendo a respeitar o próximo e a si mesmo. Mas, para que esse processo atinja a sua forma máxima é necessário que o professor, sendo este o mediador e estimulador de conhecimentos, entenda como ocorre o desenvolvimento da autonomia na criança, crie uma relação de proximidade, de abertura e que busque sempre novos conhecimentos para enriquecer o processo de aprendizagem e tenha sempre um olhar curioso e explorador.

Portanto, a função do professor na creche, frente ao desenvolvimento da autonomia da criança, é organizar seu trabalho de forma a oferecer situações concretas de vivência cotidianas de maneira responsável sempre pautadas no amor, carinho e respeito. Lembrando da necessidade de chamar a atenção dos pequenos a breves reflexões sobre comportamentos inadequados destes, para que assim, o infante possa ter a possibilidade de superar as fases de desenvolvimento da moralidade propostas por Piaget em busca de sua real autonomia. Por fim, acreditamos que a autonomia infantil é trabalhada na interação social, por meio da ludicidade e de experiências do cotidiano, valorizando respeito as ações desenvolvidas pelas crianças, sempre as estimulando a superarem novos obstáculos e desafios.

Realizar esta pesquisa trouxe à tona uma discussão acerca das especificidades da Educação Infantil, sobretudo da formação do professor que atua em creches, que além de ser formado em Pedagogia, deve cada vez mais, especializar-se na sua área de atuação.

A motivação deste trabalho partiu de uma experiência pessoal e profissional de acompanhar as mudanças em uma criança que iniciou a vida escolar em uma creche, o que nos instigou a investigar, na visão do professor, como este processo acontece e como o trabalho pedagógico influencia seu percurso. Esperamos com a nossa pesquisa, ter alcançado os objetivos propostos e ter suscitado uma reflexão acerca do tema: A autonomia da criança na Educação Infantil: como a prática pedagógica contribui para a sua construção, o que poderá resultar em pesquisas futuras de nossa parte ou da parte de profissionais e/ou estudantes que se sintam tão motivados quanto nós, pois a Educação Infantil é um campo rico para pesquisas na área da Educação.

5. PERSPECTIVAS FUTURAS

Depois de toda a trajetória vivenciada desde o primeiro contato com a escola até a conclusão do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, um filme passa pela minha cabeça. Foram anos de descobertas, de conhecimentos, de contato com profissionais incríveis e de experiências adquiridas durante esses 21 anos de existência.

Ter a oportunidade de refletir acerca de um tema que, apesar de ser bastante discutido, pouco se é aprofundado, me fez compreender que fazer parte do processo da construção da sua própria autonomia é de grande valia, porém fazer parte do processo de construção da autonomia de diversos indivíduos torna-se ainda mais importante.

Ser professor exige uma responsabilidade não só com o Estado, mas, primeiramente com as famílias que confiam no seu trabalho e na sua potencialidade perante a formação de seus filhos. Portanto, envolve dedicação, persistência, amor e acima de tudo, coragem. Coragem ao lidar com tantos indivíduos em formação. Coragem para instigar crianças a serem autônomas. Coragem por ter a liberdade de exercer uma boa ou má influência na vida das crianças. Coragem para enfrentar uma profissão que, infelizmente, não é valorizada. Coragem em ser. Coragem em fazer. Coragem em lutar pela construção de muitas vidas.

Talvez um dia **o trem da vida** ainda me faça reviver essa missão me dando a coragem necessária ou talvez não. Independente do caminho que este trem irá trilhar, tenho a consciência de que estarei sempre disposta a estimular as crianças a superarem todos os novos obstáculos e desafios que aparecerão em suas vidas, assim como eu fiz durante esses anos. Ter fé na potencialidade das pessoas e acreditar é o primeiro passo para a construção de seres pensantes, autônomos e fortes.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; VANDERBROECK, Michel (orgs.). **Educação Infantil e diferença**. Campinas, SP: Papirus, 2015.

ALARCAO, Isabel (Org.). **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão**. Porto: Porto Editora, 1996.

BRASIL. **Constituição Federal da República Federativa do Brasil**. Brasília: Congresso Nacional, 1988.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2010.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 1998. V. 1

BRESOLIN, Keberson. **Autonomia versus heteronomia: 11 o princípio da moral em Kant e Levinas**. Conjectura: Filos. Educ., Caxias do Sul, v. 18, n. 3, p. 166-183, set./dez. 2013 183

CABRAL, R. **Os Princípios de Autonomia, beneficência, não maleficência e justiça**. In ARCHER, Luís; BISCAIA, Jorge; OSSWALD, Walter. *Bioética*. Lisboa: Editorial Verbo, 1996.

CARVALHO, Daniel; CARNEIRO, Rafael; MARTINS, Helen Fernanda Alves; SARTORATO, Eduardo. **Pesquisa Bibliográfica**. Goiânia, 16 jun. 2004.

CONTRERAS, José. **A autonomia de professores**. São Paulo. Editora Cortez. 2002.

DANTAS, O.M.A.N.A.; FRANCO, M.V.A. Pesquisa exploratória: aplicando instrumentos de geração de dados - observação, questionário e entrevista. In: **EDUCERE - CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO**, 8. 2017, Curitiba. Anais... Curitiba: PUCPR, 2017. Disponível em: < <http://educere.pucpr.br/p1/anais.html?tipo=2&titulo=&edicao=6&autor=Maira+&area=75>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

DIAS, Adelaide Alves. **Educação Moral e autonomia na educação infantil: o que pensam os professores**. Porto Alegre, 2003.

FLAVELL, Jonh. **A psicologia do desenvolvimento de Jean Piaget**. Editora Pioneira. 1988.

FREIRE. Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 34. ed. edição. São Paulo: Paz e terra, 1996.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José Eustáquio. **Autonomia da escola: princípios e propostas**. [S.l: s.n.], 1997.

GODOY, Arlinda S. **Pesquisa qualitativa tipos fundamentais**. Revista de administração de empresas, v.n 3 p.20-29,1995.

GOMES, Salatiel da Rocha. **Por que é tão difícil o professor unir teoria e prática**. Faculdade de Educação FACEM/UFAM. Extraído de < <http://www.pedagogia.com.br/artigos/teoriaepratica/>> Acesso em 10/04/2018.

MARTINS, Angela Maria. **Autonomia e educação: a trajetória de um conceito**. Cadernos de Pesquisa, n. 115, p. 207-232, março/2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a09n115.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2015.

OLIVEIRA, Zilma de M. R. et al. **Creches: crianças faz de conta** & Cia. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

RAMOS, Tânia Catarina Barbosa. **A intervenção na criança /jovem em risco – um percurso a construir**. Porto: Universidade do Porto/Faculdade de Medicina, 2008. [Dissertação de mestrado em Bioética]

ROCHA, Maria Baião PINTO da, COUCEIRO, Maria Edite, & Madeira, Maria Inês Reis. (1996). **Creche: Condições de implantação, localização, instalação e funcionamento**. Lisboa: Direcção-Geral da Acção Social.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

APÊNDICE- QUESTIONÁRIO *ON-LINE* ENVIADO AOS PARTICIPANTES

PERGUNTAS

RESPOSTAS

22

Tr

A importância do professor na construção da autonomia infantil

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado para participar da pesquisa "A importância do professor para a construção da autonomia infantil." Esta investigação faz parte do trabalho de conclusão de curso realizada pela graduanda Paloma Pereira da Silva, coordenada pela professora Otília Maria A. N. A. Dantas. O objetivo deste estudo visa compreender a influência do professor no processo de construção da autonomia da criança de 3 a 4 anos. Sua participação nesta pesquisa consistirá em: coleta de informações por meio de um questionário. Abaixo há a pergunta se aceita participar desta pesquisa, em caso afirmativo, o pesquisado cederá os direitos ao pesquisador para o uso das informações que serão analisadas, bem como as publicações advindas desse processo. A qualquer momento você pode desistir de participar. Para isso basta apenas nos informar, pois desta forma os dados serão desconsiderados. Sua recusa não trará qualquer prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação. As informações obtidas serão analisadas em conjunto pelos pesquisadores, não sendo divulgada a identificação de nenhum participante. Para qualquer esclarecimento, seguem os contatos das pesquisadoras:

Paloma Pereira da Silva - palomapedasilva@gmail.com
Professora Dra. Otília Dantas - otiliadantas@unb.br

Pergunta sem título *

☐ Concordo em responder este questionário.

☐ Não concordo em responder este questionário.

Identificação

Descrição (opcional)

Nome completo *

Texto de resposta curta

Local onde mora *

Texto de resposta curta

Idade *

Texto de resposta curta

Quanto tempo de profissão? *

PERGUNTAS

RESPOSTAS

22

+

Tt

Quanto tempo de profissão? *

Texto de resposta curta

Sua sala de aula é formada por quantas crianças? *

Texto de resposta curta

Qual a faixa etária dos seus alunos? *

Texto de resposta curta

Qual a sua formação? Você participa de cursos de formação continuada? *

Texto de resposta longa

Para você o que é uma criança autônoma? *

Texto de resposta longa

Você, na condição de professor, acha que contribui para o desenvolvimento da autonomia dos seus alunos? *

Texto de resposta longa

O que você espera dos seus alunos em relação à autonomia ao término do ano letivo? *

Texto de resposta longa

Em sua sala de aula ainda existe alguma criança que ainda usa fralda? *

☐ Sim

☐ Não

Seus alunos possuem boa oralidade? Qual a atividade você realiza para desenvolver esta habilidade? *

PERGUNTAS

RESPOSTAS

22

Qual a sua formação? Você participa de cursos de formação continuada? *

Texto de resposta longa

Para você o que é uma criança autônoma? *

Texto de resposta longa

Você, na condição de professor, acha que contribui para o desenvolvimento da autonomia dos seus alunos? *

Texto de resposta longa

O que você espera dos seus alunos em relação à autonomia ao término do ano letivo? *

Texto de resposta longa

Em sua sala de aula ainda existe alguma criança que ainda usa fralda? *

☐ Sim

☐ Não

Seus alunos possuem boa oralidade? Qual a atividade você realiza para desenvolver esta habilidade? *

Texto de resposta longa

Como você trabalha a socialização de seus alunos? *

Texto de resposta longa

Você acha que os pais contribuem para o desenvolvimento da autonomia infantil? *

Texto de resposta longa